



## UMA VISÃO SOBRE O ÍNDIO EM TERRA PAPAGALLI DE JOSÉ ROBERTO TORERO E MARCUS AURELIUS PIMENTA

### AN INSIGHT ON THE INDIAN IN TERRA PAPAGALLI BY JOSÉ ROBERTO TORERO AND MARCUS AURELIUS PIMENTA

<sup>1</sup>Rafaela Ferreira do Amaral

<sup>2</sup> Adrian Lincoln Ferreira Clarindo

**RESUMO:** Este artigo busca investigar a representação do índio na obra Terra Papagalli (2011) de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta. A obra é uma paródia do achamento do Brasil que narra a chegada dos portugueses ao Brasil e como foram os primeiros anos dos portugueses em terras brasileiras. O objetivo da pesquisa é explorar o contato entre colonizadores e colonizados no episódio do achamento do Brasil como descrito nos relatos do narrador-personagem Cosme Fernandes. Para tanto, teremos neste trabalho os seguintes passos: 1) apresentação da obra e suas personagens; 2) um olhar sobre a paródia segundo Massaud Moisés; 3) investigação sobre o contato entre os índios e os portugueses na obra; 4) investigação sobre as mudanças comportamentais; 5) abordagem de questões sobre a aculturação do índio. Para embasar o presente artigo e também referenciá-lo metodologicamente, lançaremos mão de um estudo da reconstrução do fato descrito através da perspectiva do leitor, usando a teoria da Tríplice Mimese do filósofo Paul Ricoeur (1994), que trata exatamente do fato, da descrição do fato e a sua reconstrução imaginativa.

**Palavras-chave:** Índio. Terra Papagalli. Tríplice Mimese. Paródia.

**ABSTRACT:** This paper investigates the Indian representation in the book Terra Papagalli (2011) by José Roberto Torero and Marcus Aurelius Pimenta. The piece is a parody of the discovery of Brazil which chronicles the arrival of the Portuguese in Brazil and the situation in the early years of the Portuguese on Brazilian soil. The objective of this research is to explore the contact between colonizers and colonized in the episode of the finding of Brazil as described on the reports by the narrator-character Cosme Fernandes. To this end, we will have on this paper the following steps: 1) a presentation on the book and its characters; 2) a look at the parody seconded by Massaud Moisés; 3) a research on contact between the Indians and the Portuguese in the addressed book; 4) research on the behavioral changes; 5) an address on issues of acculturation of the Indian and European. To support this article and also reference it methodologically, we will use studies on the reconstruction of the facts by the reader's perspective, using the theory of the Triple Mimesis by French philosopher Paul Ricoeur (1994), which deals exactly with the fact, description of the fact and its imaginative reconstruction.

**Keywords:** Indian. Terra Papagalli. Triple Mimesis. Parody.

---

<sup>1</sup>Acadêmica do 8º período de Letras das Faculdades Santa Amélia – Secal. souparisrafa@hotmail.com

<sup>2</sup>Orientador: Profº Mestre Adrian Lincoln Ferreira Clarindo das Faculdades Santa Amélia–Secal. adrianlink@gmail.com

**Sumário:** 1. Introdução – 2. A obra – 2.1. As personagens – 2.2 A paródia – 3. O contato entre os índios e os portugueses na obra – 4. As mudanças comportamentais e a aculturação do índio – 5. Tríplice Mimese I, II e III – 6. Considerações finais – 7. Referências.

## 1 INTRODUÇÃO

A mudança no comportamento do índio após a chegada dos portugueses na Terra dos Papagaios, na obra *Terra Papagalli* (2011) de José Roberto Torero e Marcus Aurelius, é um assunto pouco abordado em trabalhos produzidos na área de Letras e na esfera científica. Porém, a obra se faz digna de interesse, pois mescla literatura e história tornando-se o que poderíamos chamar de um romance histórico-ficcional.

Assim, este estudo vai buscar compreender, na obra *Terra Papagalli*, a possibilidade de um indivíduo mudar radicalmente sua forma de viver. De maneira complementar, a análise revela-se importante por dar visibilidade a uma temática pouco explorada.

O estudo irá explorar as ideias do filósofo francês Paul Ricoeur e a sua teoria da Tríplice Mimese I, II e III<sup>3</sup>, que será de grande valia a nós, pois nosso objeto se trata de um romance histórico-ficcional dos primeiros anos da colonização portuguesa, porém com uma abordagem mais leve e descompromissada do que a história contada nos livros didáticos sobre o achamento<sup>4</sup> do Brasil por ser *Terra Papagalli* (2011) um livro que flerta com o gênero da paródia.

O presente artigo primeiramente irá abordar a obra *Terra Papagalli*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, e suas principais personagens que são responsáveis por apresentar ao leitor as mudanças comportamentais sofridas no decorrer da obra. Passaremos por um breve conceito de paródia, para então apresentar tais mudanças investigadas e comprovadas na obra, utilizando o conceito de aculturação e a teoria da tríplice mimese (imitação) de Paul Ricoeur.

## 2 A OBRA

---

<sup>3</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**, v. I. Campinas: Papyrus, 1994.

<sup>4</sup> Usaremos o termo “achamento” por notarmos certa frequência do termo por historiadores e imprensa escrita e principalmente pelo termo aparecer na célebre carta de Pero Vaz de Caminha.

A obra *Terra Papagalli* de José Roberto Torero<sup>5</sup> e Marcus Aurelius Pimenta<sup>6</sup> é uma paródia de narrativa fictícia com fatos históricos que podem ser correlacionados com fatos atuais, por meio da sátira, ironia e humor. O narrador personagem Cosme relata os acontecimentos desde antes a chegada do Brasil até os primeiros contatos com os índios na Terra dos Papagaios.

A partir do achamento do Brasil na obra, pode-se notar o uso constante da ficção. No início, a personagem Cosme Fernandes lamenta ser deixado pelos portugueses, porém, aos poucos se acostuma em viver em uma terra desconhecida por ele. Todos os dias ele escrevia em seu diário os acontecimentos de seu dia-a-dia, endereçando escritos também para o seu filho Conde de Ourique. Far-se-á, primeiramente, necessário contar um trecho da vida da personagem Cosme para que se elucide como este veio parar às terras do Brasil ou Terra dos Papagaios.

Cosme nasceu em Lisboa, seus pais residiam anteriormente em Marbella, região do sul da Espanha, onde seu pai havia iniciado um pequeno armazém de especiarias. Quando o pai de Cosme percebeu que seu comércio era promissor, decidiu se mudar para Lisboa. Com doze anos de idade, Cosme foi enviado para o Mosteiro de Bismela. Lá se interessa pela literatura e os cantos religiosos e também aprende latim, esta língua que lhe proporciona conhecer o grande amor de sua vida: houve uma competição sobre a maior nota em latim, e o detentor de tal título teria o direito de acompanhar um dos padres em uma viagem até o castelo de uma nobre família de Portugal. Chegando ao castelo, Cosme, o vencedor da competição, conhece Lianor, uma jovem de vinte e dois anos. Ambos se apaixonam à primeira vista.

Após um jantar, os dois aproveitam que os pais de Lianor estavam confessando com o padre, para irem até a dispensa. O jovem casal não consegue conter seus desejos e comete a conjunção carnal, fato que mais tarde seria o motivo do degrado de Cosme.

---

<sup>5</sup> José Roberto Torero é paulista, considerado um dos grandes talentos da nova ficção brasileira, é autor do best-seller *O Chalaça* (prêmio Jabuti em 1995) e de *Xadrez, truco e outra guerras* (Coleção Plenos Pecados), entre outros.

<sup>6</sup> Marcus Aurelius Pimenta nasceu no Brás, na cidade de São Paulo em 1962. Jornalista e roteirista escreveu peças de teatro e documentários. Como co-autor, escreveu *Terra Papagalli*, *Os Vermes*, *Futebol é bom pra cachorro* e as peças *Omelete* e *Romeu e Julieta: segunda parte*.

Cosme perguntou a Lianor se continuaria a ser fiel e ela respondeu: “Outros olhos não me verão, outras mãos não me tocarão”<sup>7</sup>. Naquele momento ela prometeu ser fiel a ele e também o perguntou e ele respondeu: “Meu coração é teu! Se quiseres, arranco-o agora mesmo, pois de nada adiantará conservá-lo longe de ti!”<sup>8</sup>. Ambos fizeram juras de amor e mal sabiam o futuro que lhes aguardava.

Voltando ao seminário, no dia seguinte, os padres se reúnem e chamam Cosme Fernandes para uma conversa. Em um desentendimento, Cosme confunde o pecado de ter comido alguns biscoitos durante a viagem com o pecado da “carne” e confessa:

A culpa foi toda minha. Eu sugeri que fôssemos até a dispensa! Eu a seduzi como uma vil serpente! Eu a desnudei! Eu me aproveitei de sua inocência e pequei contra sua castidade! Sei que já não sou digno de me tornar um pregador da palavra de Deus. Pagarei com devoção e ofertas mil vezes a penitência que me derdes! Voltarei à minha casa e manterei silêncio sobre isso. Apenas não castiguem a gentil Lianor, pois nunca houve criatura mais bela e virtuosa sob o céu.

Com isso, ele fala de seu amor por Lianor e é preso e expulso do seminário. Nesta época, em Portugal, iriam sair alguns navios com degredados, com a intenção de descobrir uma nova rota para as Índias. Cosme vai com eles, acompanhado de mais dezesseis “criminosos”.

Durante a viagem, a frota chega “acidentalmente” ao Brasil, e por lá fica alguns dias. E quando as embarcações iriam sair, Pedro Álvares da uma má notícia a eles. Sete deles iriam ficar naquelas terras para terem um melhor contato com os nativos. Cosme é um dos escolhidos a ficar.

## 2.1 AS PERSONAGENS

As personagens principais de *Terra Papagalli* são: Cosme Fernandes, Jacome Roiz, Antonio Rodrigues, Simão Caçapo, Gil Fragoso, João Ramalho e Lopo de Pina.

Os homens que estão sendo desterrados comigo vieram de várias partes do Reino e seus delitos e atos vergonhosos poderiam encher um livro maior que a *Suma teológica*. Porém, deles não posso me queixar, seja porque a

---

<sup>7</sup> PIMENTA, Marcus Aurelius; TORERO, José Roberto. **Terra Papagalli**. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2011, p. 11.

<sup>8</sup> Ibid., p. 16.

solidão do mar os torna bons, seja porque as muitas incertezas sobre o futuro não lhes deixa tempo para serem maus.<sup>9</sup>

Todos eles cometeram algum tipo de crime em Portugal e foram degradados ao Brasil, exceto o chefe da tribo dos Tupiniquins, Piquerobi, que os portugueses conhecem no decorrer da trama.

Jacome Roiz, por exemplo, foi preso por criar um laxante e vender no mercado, causando a morte de nove pessoas. Já Antonio Rodrigues por estar endividado, tentou roubar um carregamento de pimenta, mas o vendeiro tinha uma pistola e acertou-lhe o pé esquerdo. Por causa disso, Antonio dispensou trinta e três facadas no vendeiro e esquartejou seu corpo em três partes. Fez isso por ser religioso, as facadas são a idade de Jesus Cristo e as três partes esquartejadas fazem alusão à trindade.

Simão Caçapo, com a intenção de conseguir dinheiro fácil, recebe uma missão de roubar um mapa e entregá-lo a um Veneziano. Simão consegue roubar o tal mapa, porem é descoberto e preso. Gil Fragoso, com as dificuldades que sofreu na cidade onde morava, decide ir a Lisboa tentar uma nova vida, lá conhece a fome, a peste, o desprezo e as surras dos soldados. Ele vê a sua sorte mudar ao conhecer um lascivo francês chamado Trésor que lhe dava comida, agasalho e um teto para morar. Gil aprendeu que se prestasse “favores” a outros homens conseguiria enriquecer, mas Trésor descobre as suas traições e o entrega aos padres e estes o mandam prender. Lopo de Pina é acusado de matar um dos seus irmãos por se sentir injustiçado na partilha dos bens da família. E João Ramalho era casado e seu crime foi deixar de dizimar na igreja onde frequentava. Os padres acharam de bom tom prendê-lo para que não desse mau exemplo aos demais fiéis.

Certo dia, Cosme e seus amigos resolvem ir à parte ocidental da ilha onde havia cerca de trezentos índios. Era a tribo dos Tupiniquins, que tinham como características a cor parda, os braços rijos, sem pelos pelo corpo e que cortavam o cabelo na forma de uma esfera. Cosme se depara com os Tupiniquins em festa. Tais festas podiam ser resumidas em brigas e bebedeira regada a uma espécie de vinho “feito de uma raiz que não há no reino e que chamam aipim ou mandioque”<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> PIMENTA, Marcus Aurelius; TORERO, José Roberto. **Terra Papagalli**. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2011, p. 27.

<sup>10</sup> Ibid., p. 27.

O chefe dessa tribo chamava-se Piquerobi. Era um homem alto, com braços fortes e com aparência de uns quarenta anos, ele tinha os cabelos pretos e “seus olhos tinham uma feição malíssima, que metia medo nos que os miravam”<sup>11</sup>. As características físicas do Piquerobi eram diferentes das dos portugueses.

Conhecidos os personagens da obra, passaremos agora a uma breve explanação sobre a paródia; gênero que permeia todo o livro.

## 2.2 A PARÓDIA

A paródia é um gênero literário muito utilizado na literatura contemporânea e também está presente na obra *Terra Papagalli*. A paródia é o ato de esvaziar a obra original e dessa forma gerar outro texto, isso pode ser encarado como algo positivo, pois a obra original ganha uma adaptação às vezes cômica, satírica e sarcástica. Segundo o dicionário de termos literários, “paródia é toda composição literária que imita, cômica ou satiricamente o tema ou/ e a forma de outra obra. O intuito é ridicularizar uma tendência ou um estilo que, por qualquer motivo se torna apreciado ou dominante”<sup>12</sup>.

Existem obras consideradas maiores ou dominantes e a paródia tem o intuito de se compor com a inserção de elementos cômicos ou satíricos vindos destas obras dominantes. No presente artigo, podemos evidenciar que *Terra Papagalli* é uma paródia à famosa carta de Pero Vaz de Caminha, além de toda uma gama de elementos do imaginário nacional sobre o achamento do Brasil.

## 3 O CONTATO ENTRE OS ÍNDIOS E OS PORTUGUESES NA OBRA

Na obra *Terra Papagalli*, os portugueses confundem os indígenas com os macacos. Os índios eram pardos, altos e estavam nus como na primeira inocência. Quando avistaram os índios portando arcos e flechas, Cosme e seus companheiros sentiram medo. Porém, um dos portugueses dá um sinal com as duas mãos para que os selvagens baixassem as armas. Os índios entenderam o gesto e em forma de gratidão, os portugueses lançaram a eles um gorro vermelho que traziam

---

<sup>11</sup> PIMENTA, Marcus Aurelius; TORERO, José Roberto. **Terra Papagalli**. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2011, p. 60.

<sup>12</sup> MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 350.

consigo: “Eles o pegaram e pareciam maravilhados com aquela fazenda, porque puxavam com grande curiosidade e admiração”<sup>13</sup>. Os índios também lançaram aos portugueses um sombreiro de penas. Isso iniciou a barganha dos portugueses com os nativos.

No dia seguinte, os portugueses tentam novo contato, porém apenas três homens descem do navio para ter com eles. Cosme é o primeiro a descer do bote e tem certeza que os índios iriam matá-lo.

Eles, porém, mostraram-se pacíficos e apenas queriam tocar os nossos corpos, mexendo em nossa roupa e puxando nossas barbas. Muitas palavras nos disseram, mas não podíamos decifrar sua razão e o pouco entendimento que deles tiramos veio dos gestos e sinais que fizemos.<sup>14</sup>

Os portugueses se surpreenderam com os índios, apenas tocaram em seus corpos e puxaram as suas barbas. Outro ponto era a língua que falavam totalmente diferente dos portugueses. Ao voltarem ao navio, mentiram, dizendo não sentir medo e que gostariam de voltar até lá no outro dia.

#### **4 AS MUDANÇAS COMPORTAMENTAIS E A ACULTURAÇÃO DO ÍNDIO**

Analisando a obra *Terra Papagalli*, podemos verificar e elencar três principais mudanças comportamentais apresentadas pelos índios. São elas: A religião, os costumes e os métodos de guerra.

No início da obra podemos perceber a ingenuidade do índio pelo seu primeiro contato com os portugueses, no qual eram iludidos facilmente. Com apenas quinquilharias e miudezas sem valor, Cosme e seus amigos faziam barganha com os indígenas, dando a eles gorros, espelhos em troca de alimentos e até mesmo de uma pedra que reluzia, o ouro.

No decorrer da obra, a mentalidade dos índios vai se modificando: eles começam a tomar para si costumes trazidos pelos portugueses como os métodos de guerra, tipos de fala e crenças. A questão da religião portuguesa, ou seja, a cristã causa estranheza nos índios, como observamos no seguinte trecho:

---

<sup>13</sup> PIMENTA, Marcus Aurelius; TORERO, José Roberto. **Terra Papagalli**. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2011, p. 38.

<sup>14</sup> Ibid., p. 38.



Fizemos também uma pequeníssima capela de bambus e palha, e ali colocamos uma cruz de madeira. Dissemos aos gentios que era o nosso deus e muito se admiraram de ele ser tão pequeno, mas o respeitavam e não tocavam nele. Um dia, quando fez uma hóstia de aipim e a comeu. Antônio Rodrigues explicou a Piquerobi que aquela era a carne de Jesus Cristo. Piquerobi falou então, muito sensatamente, que não entendia como podíamos censurá-lo por comer seus inimigos quando fazíamos coisa pior, que era comer o filho de nosso deus.<sup>15</sup>

A prática do canibalismo era abominada pelos portugueses que censuravam os índios por tal prática, porém o chefe da tribo Piquerobi indaga Antonio Rodrigues por que eles deveriam comer a carne do filho do deus deles. Os métodos de guerra usados pelos índios foram modificados por Cosme que fez uso do Alfabeticum Bellicum que por sua sorte foi eficaz e resultou na captura de 52 prisioneiros, considerado um recorde pelos índios, que nunca haviam capturados tantos inimigos de uma só vez. Porém, houve uma superlotação de prisioneiros e Piquerobi pediu uma solução a Cosme, que foi o causador do problema.

Isso mostra a mudança do pensamento indígena e da fácil aceitação, ainda que indagada, dos costumes lusitanos:

A verdade é que não conseguia entender tantas novidades e andava mais aborrecido de ter que pensar nelas. Antes de nos conhecer, era sua vida como a de seu pai e de seu avô e de seu bisavô, que nunca lhe disseram nada sobre trocar prisioneiros por machadinhas. Seu entendimento lhe dizia que deviam ser todos comidos e desconsolava-se pensando que iria trair os costumes que seu povo seguia a tão longo tempo, pois como disse Santo Ernulfo, a razão não é bem-vinda na casa do hábito.<sup>16</sup>

Este trecho deixa clara a intenção dos portugueses em inverter alguns valores dos índios que eram passados de geração em geração. Os costumes indígenas foram perdendo de certa forma a sua identidade, pois os índios tinham uma prática ancestral de comer os prisioneiros de guerra. Não mais fazendo isso, e com a superlotação de prisioneiros, Cosme teve a ideia de trocar os prisioneiros por armas e utilidades ofertadas pelos espanhóis. Como podemos notar:

Levando três tapuias o comprador ganhava três arcos e doze flechas;  
Por cinco tupinambás ganhava um macaco;

---

<sup>15</sup> PIMENTA, Marcus Aurelius; TORERO, José Roberto. **Terra Papagalli**. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2011, p. 109.

<sup>16</sup> Ibid., p. 102-103.

Por dois pariris, quatro medidas de cauim;  
Por dois guaranis, um papagaio verde desses que imitam o que falamos;  
Por cinquenta troncos de Brasil, uma criança guarani;  
E “por três maromomis, uma anta assada no moquém.”<sup>17</sup>

A troca de índios prisioneiros se tornou algo recorrente, pois os portugueses conseguiram convencer Piquerobi que a troca era a melhor coisa a se fazer para se livrar da maioria dos prisioneiros. Logo, os índios estavam fazendo coisa outra que não as suas próprias tradições.

O caso do canibalismo é controverso. Não há como não salientar a barbaridade que reside em tal ato. Um dos relatos que encontramos sobre a relação do europeu com os nativos das terras abrasadas do Brasil está nos diários de viagem de Hans Staden (1520- 1576), o alemão, que viveu no Brasil no século 16. Staden narra como eram os ritos de antropofagia executados pelos índios. Vejamos:

Depois de esfolado, toma-o um homem e corta-lhe as pernas, acima dos joelhos, e os braços junto ao corpo. Vêm então as quatro mulheres, apanham os quatro pedaços, correm com eles em torno das cabanas, fazendo grande alarido, em sinal de alegria. Separam após as costas, com as nádegas, da parte dianteira. Repartem isto entre si. As vísceras são dadas às mulheres. Fervem-nas e com o caldo fazem uma papa rala, que se chama mingau, que elas e as crianças sorvem. Comem essas vísceras, assim como a carne da cabeça. O miolo, a língua e tudo o que podem aproveitar, comem as crianças. Quando o todo foi partilhado, voltam para casa, levando cada um o seu quinhão. (...) Tudo isso vi e assisti.<sup>18</sup>

Para salientar um melhor vislumbre do narrado, vejamos a seguinte ilustração:



“Preparo da Carne Humana em Episódio Canibal”. Gravura de Theodoro de Bry que ilustra os relatos das viagens de Hans Staden ao Brasil.

---

<sup>17</sup> PIMENTA, Marcus Aurelius; TORERO, José Roberto. **Terra Papagalli**. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2011, p. 141.

<sup>18</sup> CALDEIRA, Jorge. **Brasil - A História Contada Por Quem Viu**. São Paulo: Mameluco, 2008, p. 55.

A ilustração sobre o canibalismo pode nos levar ao questionamento sobre a ideia de barbárie, algo que o francês filósofo M. Montaigne já abordara: a barbárie de um povo não pode tirar a atenção dos atos de horror que um outro povo comete. Sobre a relação entre o colonizador (civilizado) e o colonizado (bárbaro), em ensaio intitulado *Dos Canibais*, no Livro I, o filósofo francês Montaigne afirmaria:

Não me aborrece que salientemos o horror barbaresco que há em tal ação [o canibalismo], mas sim que, julgando com acerto sobre as faltas deles, **sejamos tão cegos para as nossas**. Penso que há mais barbárie em comer um homem vivo que em comê-lo morto, em dilacerar por tormentos e torturas um corpo ainda cheio de sensibilidade, assá-lo aos poucos, fazê-lo ser mordido e rasgado por cães e porcos [...] do que assá-lo e comê-lo depois que ele morreu. Portanto, bem podemos chamá-los de bárbaros com relação às **regras da razão**, mas não com relação a nós, que os sobrepujamos (sobrelevamos) em toda espécie de barbárie.<sup>19</sup>

Logo, em *Terra Papagalli*, os índios assim como os portugueses acabam por sofrer um processo de aculturação. O termo aculturação pode ser definido como

O processo de aculturação se dá pelo contato de duas ou mais matrizes culturais diferentes, isto é, pela interação social entre grupos de culturas diferentes, sendo que todos, ou um deles, sofrem mudanças, tendo como resultado uma nova cultura. Esta, por sua vez, terá como base elementos de suas matrizes culturais iniciais como no caso da formação da sociedade brasileira. Como se sabe, são indiscutíveis as influências que as culturas africana, europeia (principalmente ibérica) e indígena deram para a constituição da cultura nacional.<sup>20</sup>

Em *Terra Papagalli* há esse “choque cultural” entre portugueses e indígenas e pode-se dizer também que houve uma transmissão cultural tanto de Cosme e seus amigos para aldeia indígena como de Piquerobi e os nativos na adaptação cultural no modo de vida dos portugueses, que foram abandonados na Terra dos Papagaios e conseqüentemente foram obrigados a tomar para si alguns costumes indígenas, para manter de certa forma um “bom relacionamento com os índios”. Logo a influência é mútua na relação dos dois povos. Para Oliveira:

A mudança aculturativa pode ser conseqüência da transmissão cultural direta, pode ser derivada das causas não culturais, tais como modificações ecológicas e demográficas induzidas por um choque cultural; pode ser retardada por ajustamentos internos seguindo-se uma aceitação de traços

---

<sup>19</sup> MONTAIGNE, Michel. – **Ensaio**. Vol. 1 e 2. Col.: Os Pensadores. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, p. 209.

<sup>20</sup> RIBEIRO, Paulo Silvino. “Do que se trata a aculturação?”; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/do-que-se-trata-aculturacao.htm>>. Acesso em 21 de novembro de 2015.



ou padrões estranhos; ou pode ser uma adaptação em reação aos modos tradicionais de vida.<sup>21</sup>

Percebemos com certa clareza a influência do pensamento indígena na narrativa. Quando Cosme, por exemplo, indaga o Piquerobi sobre o porquê dos índios terem tanto gosto pela vingança, a narração transcorre assim:

“Duas coisas fazem o homem feliz: uma é fazer o bem a ele mesmo, outra é fazer o mal a quem ele odeia. Na vingança, fazemos as duas coisas.” Achei aquela ideia muito estranha, porém, como não lhe achasse erro ou paradoxo, tomei aquelas palavras como prova de que os gentios, mesmo sem ler Platão, Leucipo, Santo Ernulfo e Anaxandro, também conhecem a alma humana e seus labirintos. Não sei por que vos contei isso, mas haveis de reconhecer que é uma boa filosofia para se passar aos filhos e netos.<sup>22</sup>

A vingança, que não condiz com as ideias cristãs de “dar a outra face”, é sem surpresa aceita e considerada como boa filosofia por Cosme. Esta aí, então, um momento de aculturação na obra.

## 5 TRÍPLICE MÍMESE I, II e III

A obra *Terra Papagalli* se trata de uma narração fictícia que faz uso de elementos históricos para justamente os subverter. Tal técnica pode ser bem investigada pelas teorias do filósofo francês Paul Ricoeur que desenvolveu a uma pesquisa sobre a tríplice mimese, em seu livro *Tempo e Narrativa*: trata-se de um método que tem como objetivo explicar como um fato histórico é transmitido para o leitor.

A mimese pode ser compreendida antes de tudo como uma imitação ou a tentativa de imitar um fato que já ocorreu e transmiti-lo ao leitor, ou seja, as três fases da mimese são: fatos ainda não narrados são intermediados pela configuração da trama ou a narração destes fatos até encontrar-se com o leitor e deixar a interpretação por conta dele.

A mimese I é o fato em si e pode ser entendida como:

O sentido de *mimese I*: imitar ou representar a ação, é primeiro, pré-compreender o que ocorre com o agir humano: com sua semântica, com sua simbólica, com sua temporalidade. É sobre essa pré-compreensão, comum ao poeta e a seu leitor, que se ergue a tessitura da intriga e, com

---

<sup>21</sup> OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Do índio ao bugre**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 34.

<sup>22</sup> PIMENTA, Marcus Aurelius; TORERO, José Roberto. **Terra Papagalli**. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2011, p. 179.



ela, a mimética textual e literária [...] A despeito da ruptura que ela institui, a literatura seria incompreensível para sempre se não viesse a configurar o que, na ação humana, já figura.<sup>23</sup>

A ação exposta por Ricoeur é a pré-compreensão do fato, melhor dizendo, um fato do cotidiano, um episódio comum na vida tanto do poeta como de seu leitor em potencial, é o fato ainda não descrito por algum autor. A mimese II é a narração deste fato que ganha um sentido no tempo cronológico. A mediação entre o fato em si até a leitura de outro indivíduo passa pela compreensão e escrita ou narrativa do fato pelo autor. A mimese III é como o fato narrado, já escrito, se apresenta ao leitor e como o leitor configura este fato no momento de sua recepção. Como diz o teórico José D'Assunção Barros acerca destas fases pensadas por Ricoeur:

Na operação historiográfica, esta interação entre vivência e reconhecimento estabelece-se em três momentos, que Ricoeur denomina mimeses 1, 2 e 3: (1) a prefiguração do campo prático; (2) a configuração textual deste campo (que coincide com o texto construído como “Intriga” pelo historiador); e, por fim, (3) a refiguração pela recepção da obra [...]<sup>24</sup>

A abordagem da teoria à obra é a seguinte: fato, descrição do fato e reconstrução imaginativa:

- a) Fato: Trata-se do achamento do Brasil pelos portugueses (a conquista do território brasileiro). Teve início com a chegada dos portugueses que desejavam encontrar uma nova rota para as Índias e “acidentalmente”, chegaram ao Brasil. E aqui tiveram o seu primeiro contato com os índios e tentaram ensiná-los com seus costumes, com seu intelecto e religião. Para Paul Ricoeur, o fato é o que “realmente” aconteceu.
- b) Descrição do fato: é a escrita do fato pelos autores da obra: A narração em *Terra Papagalli* é de tom satírico, logo, é a escolha dos autores para a narrativa. Toda a esquemática da narração se encaixa aqui: as personagens, os meios de narrar, os diálogos e cenas pertencentes à obra.
- c) Reconstrução imaginativa: trata-se da mimese III que é a reconstrução imaginativa da interpretação do leitor. Este que poderá tirar as suas próprias conclusões do fato narrado apresentado a ele. Ricoeur diria sobre este movimento do observador perante o mesmo fato que a imaginação se faz

---

<sup>23</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**, v. I. Campinas: Papirus, 1994, p. 101.

<sup>24</sup> Ibid., p. 04.



visionária: o passado é o que eu teria visto, do que eu teria sido testemunha ocular se houvesse estado ali, assim como o outro lado das coisas é o que veria se o percebesse daí de onde você o considera.<sup>25</sup>

Podemos perceber que todos os tópicos expostos neste trabalho, assim como a própria leitura da obra, passam por estes estágios que Ricoeur propôs. Reside aí também certa fortuna crítica sobre a obra em si.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou uma oportunidade de se tomar conhecimento sobre as mudanças comportamentais sofridas pelo processo de aculturação dos europeus e nativos da *Terra Papagalli*. Contamos também com o auxílio da tríplice mimese sobre o fato, a descrição deste fato e a reconstrução imaginativa, proposta por Paul Ricoeur, para melhor compreendermos a possibilidade da produção escrita e reelaboração narrativa de um fato histórico. E ainda exploramos a ideia de que a obra é, então, uma paródia sobre todo um imaginário que povoa o pensamento dos brasileiros. Sobretudo esperamos ter contribuído para a pesquisa acadêmica e a retomada da valorização da cultura indígena; algo de eterno valor cujo contato pode ser suscitado através de livros de história e até mesmo de sátiras como é o caso de *Terra Papagalli*.

## 7 REFERÊNCIAS

BELLUZZO, A. M. de M. **O Brasil dos viajantes**. São Paulo: Objetiva Metalivros, 1999.

CALDEIRA, Jorge. **Brasil - A História Contada Por Quem Viu**. São Paulo: Mameluco, 2008.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

MONTAIGNE, Michel. – **Ensaio. Vol. 1 e 2**. Col.: Os Pensadores. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Do índio ao bugre**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

---

<sup>25</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**, v. I. Campinas: Papyrus, 1994, p. 322.



FACULDADE  
**FESP**  
EDUCAÇÃO SUPERIOR DESDE 1937



**SECAL**

NOSSA MISSÃO É TRANSFORMAR PESSOAS



**URI** | FREDERICO  
WESTPHALEN

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**, v. I. Campinas: Papyrus, 1994.

PIMENTA, Marcus Aurelius; TORERO, José Roberto. **Terra Papagalli**. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2011.

RIBEIRO, Paulo Silvino. **Do que se trata a aculturação?** *Brasil Escola*. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/do-que-se-trata-aculturacao.htm>. Acesso em 21 de novembro de 2015.